

## A UTILIZAÇÃO DA ANALOGIA ETNOGRÁFICA NO ESTUDO DOS ATERROS DA REGIÃO PANTANEIRA DE CORUMBÁ, MS

*Jorge Eremites de Oliveira\**

**RESUMO:** Os trabalhos de levantamento e prospecção realizados pelo *Programa Arqueológico do MS – Projeto Corumbá* identificaram mais de uma centena de aterros, em sua quase totalidade cerâmicos, distribuídos entre a sub-região do Pantanal do Abobral e a Lagoa do Jacadigo. Apresentam-se como elevações do terreno, sob forma circular e sub-circular, com uma densa cobertura vegetal e próximos de canais, rios e lagoas. Deveriam ter sido ocupados por populações canoieiras que provavelmente os utilizavam para habitação e cultivo sazonais. Os índios Guató constituem um exemplo etnográfico deste tipo de instalação e podem servir para melhor compreender questões relacionadas a assentamento e subsistência através do método da analogia etnográfica.

O presente trabalho tem por objetivo motivar a discussão sobre as possibilidades da utilização do método da analogia etnográfica no estudo dos aterros da região pantaneira do município de Corumbá, MS, principalmente quanto a problemas relacionados a formas de assentamento e subsistência.

Os dados arqueológicos aqui apresentados foram conseguidos, em sua totalidade, pelos trabalhos de levantamento e prospecção realizados na referida região pelo *Programa Arqueológico do MS – Projeto Corumbá*, que abrange uma área de aproximadamente 20.000 Km<sup>2</sup>. Este projeto encontra-se em andamento efetivamente desde 1990 e conta com a participação de pesquisadores do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), através de um convênio de mútua cooperação, sob a coordenação geral do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.

\* Instituto Anchieta de Pesquisa.

## Breves considerações acerca do uso da analogia etnográfica

A analogia etnográfica tem sido utilizada em trabalhos arqueológicos desde a segunda metade do século passado, quando então iniciaram as pesquisas sobre a “pré-história”, notadamente influenciadas pelas idéias do evolucionismo unilinear.

Durante as primeiras décadas deste século as rígidas abordagens evolucionistas tornaram-se gradativamente superadas diante do surgimento de novas pesquisas e orientações teóricas. Nos anos trinta a analogia etnográfica foi sistematizada enquanto método, rompendo com as analogias simplistas e diretas que até então vigoravam (ALCINA FRANCH, 1989).

A partir dos anos sessenta com os arqueólogos da “*New Archaeology*” esta perspectiva metodológica foi mais refinada e amplamente recorrida, principalmente nos estudos de comportamento. Difundi-se a chamada *Etnoarqueologia* ou Arqueologia de populações vivas, em busca de respostas significativas sobre a relação entre o comportamento social contemporâneo e a formação de resíduos materiais (BINFORD, 1973).

O problema central da utilização deste método ainda parece persistir na questão espaço-temporal relacionada à própria dinâmica cultural, conforme havia sido enfatizado por Sally Binford através do seguinte questionamento: “*Quais dos dados etnográficos são relíquias da subsistência no passado arqueológico?*” (BINFORD, 1973. p. 274). Dessa forma a explícita complementariedade entre Arqueologia e Etnologia deve pressupor a idéia de que o passado arqueológico exerça maior influência no presente etnográfico, que ao contrário (HODDER, 1988).

Além da possibilidade da realização de pesquisas etnográficas voltadas a problemas arqueológicos, também é possível a utilização de dados fornecidos por etnógrafos especializados, ou ainda fazer uso daqueles contidos na documentação histórica produzida por exploradores, militares, cronistas, viajantes, religiosos, etc. Neste último caso, de acordo com Nuñez (1975) e Trigger (1982), a Arqueologia pode servir-se da *Etno-História*, enquanto método antropológico, estudando a “pré-história” como parte integrante da história nativa, não deixando de fora, em princípio, nenhum setor espaço-temporal.

Em continuidade a este raciocínio, merecem destaque os já conhecidos trabalhos de Lewis Binford, dentre eles Binford (1967 e 1980), que apresentam importantes considerações teórico-metodológicas sobre as etapas de argumentação a serem seguidas para as analogias e seus respectivos postulados. Deve-se ressaltar ainda que a analogia etnográfica é um método que pode ser usado tanto em pequena como em grande escala, e não se restringe a situações em que há uma explícita continuidade cultural. É um recurso metodológico disponível para melhor compreender a relação entre o homem e seu meio físico e social num dado contexto espaço-temporal.

### Os aterros da região pantaneira de Corumbá

O Pantanal, em linhas gerais, constitui uma imensa planície de baixíssima declividade, periodicamente alagável, que ocupa uma área de cerca de 133.465 km<sup>2</sup> da bacia do Alto Paraguai, e seus limites são contíguos à depressão do Alto Paraguai-Guaporé. É uma zona de transição entre a região Equatorial, Tropical de Cerrados e o Grande Chaco (ALVARENGA, 1989).

Apresenta aspectos fitogeográficos que o caracterizam como uma região de savana (cerrado), com formações vegetais que variam de densa a gramíneo lenhosa. Possui ainda em seu conteúdo agrupamentos florestais semidecíduais e de savana estépica, sendo esta última mais comum na zona de transição entre a região pantaneira e o Grande Chaco.

Segundo o PROJETO RADAMBRASIL (1982), possui a configuração de um enorme anfiteatro. Esta observação vem ao encontro com sua própria gênese decorrente "*de movimentos tectônicos terciários (...), que afetaram o lado ocidental da bacia do Paraná, acarretando o afundamento do assoalho da grande depressão do Pantanal*" (MACROZONEAMENTO GEOAMBIENTAL DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, 1989. p. 107).

Esta região não reflete as etapas típicas de morfogênese dos pantanos e não apresenta uma homogeneidade hidrográfica, mas várias sub-bacias dotadas de uma dinâmica fluvial complexa. Baseando-se nessa realidade Adámoli (1982) propôs sua divisão em dez sub-regiões

ou pantanais: Pantanal de Cáceres, Pantanal de Poconé, Pantanal de Barão de Melgaço, Pantanal do Paraguai, Pantanal de Paiaguás, Pantanal de Nhecolândia, Pantanal do Nabileque, Pantanal do Abobral, Pantanal de Miranda e Pantanal de Aquidauana.

No contexto de planície alagável, ou seja, de áreas baixas e vulneráveis a inundações periódicas, apresentam-se os *aterros*, aqui entendidos como elevações do terreno em zonas inundáveis ou não, caracterizando um tipo de sítio arqueológico de interior. Algumas informações sobre os aterros da região pantaneira do município de Corumbá já foram apresentadas por outros pesquisadores integrantes do projeto anteriormente citado, tais como: Bitencourt (1991), Rogge & Schmitz (1992), Schmitz (1993), e Oliveira & Peixoto (1993).

Evidenciam um tipo de adaptação humana muito comum no ambiente pantaneiro, e geralmente encontram-se próximos a canais, rios e lagoas, apresentando-se como elevações do terreno, sob forma circular e sub-circular, e com menos frequência alongada, possuindo uma densa vegetação como verdadeiras “ilhas de mato” protegidas das cheias periódicas. Constatou-se que os aterros apresentam-se formados por um acúmulo de material siltico-arenoso e orgânico associado principalmente a grande quantidade de conchas de gastrópodos, em sua quase totalidade aquáticos, e a material ergológico como cacos cerâmicos.

Até o presente momento ainda não há datações absolutas para esses aterros, mas supõe-se que as ocupações mais recentes, de populações ceramistas, situam-se ao redor do período da Conquista.

Pensa-se *a priori* que esses aterros foram formados, também, por antigas populações indígenas que recolhiam moluscos nos campos alagados e acumulavam as conchas em pontos arenosos que sobressaíam da enchente. Dessa forma, é possível que gradativamente o solo foi tornando-se favorável à flora, à fauna e ao homem que, por sua vez, deve ter voltado a ocupá-los com mais intensidade e frequência, tanto como moradia como, talvez, para o cultivo, de acordo com as configurações sazonais do ambiente.

Mais de uma centena de aterros foram investigados *in situ*, distribuídos entre a sub-região do Abobral e a Lagoa do Jacadigo. A primeira é formada por uma planície baixa e periodicamente inundada pelos rios Abobral, Miranda e Negro, onde foram levantados a maioria

dos aterros, sendo todos cerâmicos. A segunda localiza-se numa área mais elevada, de tensão ecológica e de transição à região Chaquenha, distando da primeira cerca de 80 km em linha reta, sendo menos vulnerável às cheias periódicas, pois situa-se próxima à morraria do Jacadigo, e é onde encontram-se os maiores aterros, tendo inclusive alguns com nítidas evidências de ocupações pré-cerâmicas seguidas por cerâmicas.

O material cerâmico coletado nessas duas áreas em 1990 foi preliminarmente analisado por Rogge e Schmitz (1992), e pela primeira vez apresentado. Segundo esses autores, trata-se de uma mesma cerâmica, e do total geral, 2.588 cacos foram analisados, dos quais 70% são simples e 16% corrugado simples, ocorrendo ainda outros acabamentos menos comuns. A técnica de manufatura é o acordelado, com a presença de caco moído e areia fina ou grossa como antiplástico. As formas das vasilhas, em sua maioria, são esferóides ou elipsóides, de tamanho pequeno, raramente superior a 20 cm de diâmetro, e indicam “*uma cerâmica de características essencialmente utilitárias, destinadas a preparar, guardar e servir alimentos*” (ROGGE & SCHMITZ, 1992. p. 788).

Posteriormente, constatou-se diferenças tecnológicas entre a cerâmica dos aterros da Lagoa do Jacadigo com relação à dos aterros da Sub-região do Abobral pois, nesta primeira área há uma variação que, até então, não tinha sido observada.

Muitos são os questionamentos que podem ser feitos sobre esses aterros quanto a questões ecológico-culturais relacionadas a assentamento e subsistência. Nesta perspectiva, a etno-história regional destaca os índios *Guató* como um exemplo etnográfico desse tipo de instalação. Entretanto, isso não significa que sejam os responsáveis pelos aterros aqui caracterizados, mas podem exemplificar como uma população etnográfica encontra-se adaptada ao ambiente pantaneiro, dentro de uma determinada área geográfica. Neste caso, a etnografia *Guató* torna-se útil, por exemplo, à elaboração de um modelo geral de utilização dos aterros do Pantanal, a partir de uma realidade sócio-cultural-ambiental, levantando um rol de hipóteses e variáveis que podem ser averiguadas arqueologicamente em pequena e grande escala, de acordo com a diversidade de ambientes da região, onde é constatada a presença desses sítios.

## O exemplo etnográfico Guató

É importante salientar que o Pantanal como um todo, onde situam-se os Guató, é considerado como periferia da área cultural do Grande Chaco por diversos autores, como Susnik (1972), Métraux (1946) e Carvalho (1992). Segundo esses autores no início da Conquista estas duas regiões caracterizavam-se por uma considerável densidade demográfica, intensas influências culturais e conflitos interétnicos por compreenderem uma zona de transição entre a planície da bacia amazônica, a planície argentina e a zona andina. Caracterizam-se como uma verdadeira “*encruzilhada de povos e ‘melting pot’ cultural*” do centro da América do Sul, conforme afirma Carvalho (1992) no título do seu trabalho. Todos esses autores baseiam-se fortemente na etnografia, devido a ausência de dados arqueológicos, e partem do pressuposto de que a pressão demográfica em áreas vizinhas obrigou diversas populações a migrar para o Grande Chaco e sua periferia.

Este contexto etnográfico, de pressão demográfica, parece ser coerente, em parte, à região habitada pelos Guató, ao menos nos séculos XVI e XVII.

Os Guató constituem um grupo horticultor das margens das lagoas, rios e ilhas da região do Alto Paraguai, desde o norte da cidade de Corumbá, MS, até a cidade de Cáceres, MT. Estão enquadrados lingüisticamente no Tronco Macro-Jê, conforme os estudos de Aryon Rodrigues, dentre eles Rodrigues (1986), onde está destacado o mais importante estudo lingüístico sobre a língua Guató, o realizado por Palácio (1984).

Desde o início da Conquista da região platina os Guató aparecem nos relatos como nômades canoeiros-pescadores de grande mobilidade fluvial. Subsistiam basicamente da pesca, seguida da caça, e do cultivo realizado freqüentemente sobre aterros. Cultivavam, entre outros, a palmeira acurí, banana, milho, abóbora, batata, algodão e fumo. Seus aterros são semelhantes aos investigados arqueologicamente no Pantanal do Abobral e Lagoa do Jacadigo, e serviam como lugares protegidos das cheias, onde construía suas casas e faziam suas roças. Não se organizavam em aldeias, mas em famílias biológicas que viviam em habitações unifalimiores, embora permanecessem a maior parte do tempo em suas canoas.

Muitas destas características parecem estar relacionadas a fatores sazonais como os períodos de seca e cheia do Pantanal, e são constatadas, em sua maioria, desde os relatos de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca na primeira metade do século XVI, até os valiosos trabalhos etnográficos de grande interesse arqueológico realizados pelo etnólogo alemão Max Schmidt no início deste século. Dentre os principais trabalhos deste etnólogo, destaca-se o conhecido *Estudos de Etnologia Brasileira* (SCHMIDT, 1942), onde também está registrada foto e iconograficamente parte da cultura material Guató: cerâmica, habitação, vestuário, ornamentação corporal, cestaria, tecelagem, objetos de caça, armas e alimentação. Há também muitos outros trabalhos com informações menos meticolosas, em sua quase totalidade relatos de cronistas e viajantes, cuja relação bibliográfica mais completa encontra-se em Palácio (1984).

Atualmente a maioria dos remanescentes Guató encontram-se desaldeados na periferia da cidade de Corumbá, e reivindicam demarcação de terra para reserva indígena, a ilha de Bela Vista, situada na mesma região de seus ancestrais históricos. Alguns deles serviram de informantes às pesquisas lingüísticas de Palácio (Ibidem) e ainda podem oferecer importantes informações de interesse à Arqueologia.

## Conclusão

Os aterros da sub-região do Abobral e da Lagoa do Jacadigo, ambos na região pantaneira do município de Corumbá, MS, atestam uma estratégia de adaptação do homem ao ambiente pantaneiro, principalmente diante da situação de cheias periódicas. Ao contrário da sub-região do Abobral, onde encontram-se a maior parte dos aterros levantados, na Lagoa do Jacadigo constatou-se a presença de alguns (os maiores) com ocupações pré-cerâmicas sucedidas por cerâmicas, sendo que estas últimas atestam uma variação tecnológica. Em ambos os casos os aterros poderiam funcionar como lugares seguros para populações canoeiras e ceramistas habitar e cultivar sazonalmente.

Como exemplo etnográfico desse tipo de instalação destacam-se os Guató - índios horticultores, construtores de aterros, e conoeiros de grande mobilidade fluvial do Alto Paraguai.

Neste caso, a utilização do método da analogia etnográfica torna-se perfeitamente adequado e pertinente a estudos de assentamento e subsistência, demonstrando como um grupo horticultor recente encontra-se adaptado ao ambiente pantaneiro, construindo aterros para habitação e cultivo, dentro de seu domínio territorial, e diante das configurações sazonais da região. É de fundamental importância ao maior entendimento dos aterros do Pantanal, a partir de uma realidade etnográfica que pode apresentar hipóteses e variáveis a serem consideradas arqueologicamente. Pode servir a comparações em pequena e grande escala, de acordo com as similitudes ambientais, apontando, após confrontação, as semelhanças e as diferenças entre dados do passado arqueológico e dados do presente etnográfico contidos na literatura etnológica e na documentação histórica, bem como com aqueles que podem ser extraídos através de informações orais dos próprios remanescentes Guató.

ABSTRACT: The survey and prospects carried out by the Mato Grosso do Sul Archaeological Program – Corumbá project settled more than a hundred mounds, mostly ceramic ones, distributed over Pantanal do Abobral Sub-Region and the Jacadigo Lagoon. The mounds are ground elevations, with a circular or sub-circular form, with a dense covering vegetation and close to channels, rivers and lagoons. They should be occupied by canoeing people that probably use them for dwelling and season cultivations. The Guató indians represent an ethnographic example of this kind of settlement and could be used to the better understanding of the questions about settlement and subsistence, if seen through the method of ethnographic analogy.

## Referências Bibliográficas

- ADÁMOLI, Jorge. O Pantanal e suas relações fitogeográficas com os Cerrados. Discussão sobre o conceito de “Complexo do Pantanal”. In: *Anais da Sociedade Botânica do Brasil*. Teresina, 1982. p. 109-19.
- ALCINA FRANCH, Jose. *Arqueología Antropológica*. Madrid, Akal, 1989.
- ALVARENGA, Sílvia Maria. Planícies e pantanais matogrossenses. Relevo. *Geografia do Brasil*. Vol. 1. Região Centro-Oeste. Rio de Janeiro, IBGE, 1989. p. 65-8.
- BINFORD, Lewis R. Smudge pits and hide smoking: The use of analogy in archaeological reasoning. *American Antiquity*. Vol. 32. N. 1, 1967. p. 1-12.
- \_\_\_\_\_. Methodological considerations of the archaeological use of ethnographic Data. In:

OLIVEIRA, J. E. DE A utilização da analogia etnográfica no estudo dos aterros da região pantaneira de Corumbá, MS. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):159-167, 1994-95.

- LEE, Richard B. & DEVORE, Irven (eds.). *Man the Hunter*. 4. ed. Chicago. Aldine Publishers, 1973. p. 268-73.
- \_\_\_\_\_. Willow smoke and dogs'tails: Hunter-Gatherer settlement Systems and archaeological site formation. *American Antiquity*. Vol. 45. N. 1, 1980. p. 4-20.
- BINFORD, Sally R. Ethnographic Data and Understanding the Pleistocene. In: LEE, Richard B. & DEVORE, Irven (Eds.). *Man the Hunter*. 4. ed. Chicago. Aldine Publishers, 1973. p. 274-5.
- BITENCOURT, Ana Luisa V. *Projeto Corumbá – Sub-região do Abobral: A Implantação dos Aterros*. Comunicação apresentada na VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro, 1991.
- CARVALHO, Sílvia M. S. Chaco: Encruzilhada dos Povos e “Melting Pot” Cultural. In: CUNHA, Manuela C. da. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, FAPESP/SMC/Companhia das Letras, 1992. p. 457-74.
- HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología: Corrientes Actuales*. Traducción de Maria Jose Aubet. Barcelona, Editorial Crítica, 1988.
- MACROZONEAMENTO GEOAMBIENTAL DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Campo Grande, SEPLAN-MS/FIPLAN-MS/IBGE, 1989.
- MÉTRAUX, Alfred. Ethnography of the Chaco. Part 2. Indians of the Gran Chaco. *Handbook of South American Indians*. Vol. 1 (The Marginal Tribes). Washington, Government Printing Office, 1946. p. 197-370.
- NUÑEZ, Alfredo Jiménez. Sobre el Concepto de Etnohistoria. In: *Primera Reunión de Antropólogos Españoles*. Sevilla. Universidad de Sevilla, 1975. p. 91-105.
- OLIVEIRA, Jorge E. de & PEIXOTO, José Luis dos S.. *Arqueologia no Pantanal: O Projeto Corumbá*. Comunicação Apresentada no “Seminário-Feira de Pesquisa e Pós-Graduação”. UNISINOS, São Leopoldo, 1993.
- PALÁCIO, Adair P. *Guatú: A Língua dos Índios Canoeiros do Rio Paraguai*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 1984.
- PROJETO RADAMBRASIL. Folha SE.21 Corumbá e Parte da Folha SE.20. Levantamento de Recursos Naturais. Vol. 27. Rio de Janeiro, Ministério das Minas e Energia/Secretaria-Geral, 1982.
- ROGGE, Jairo H. & SCHMITZ, Pedro I. Projeto Corumbá: A Cerâmica dos Aterros. In: *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, CNPq/FINEP/UNESA, 1992. p. 781-91.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo, Edições Loyola, 1986.
- SCHMIDT, Max. *Estudos de Etimologia Brasileira*. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos. Tradução de Catharina Barataz Canabrava. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.
- SCHMITZ, Pedro I. Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá. *Trabalhos Apresentados no VI Simpósio Sul-Riograndense de Arqueologia: Novas Perspectivas*. PUCRS - 2 a 4 de Maio de 1991. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1993. p. 40-7.
- SUSNIK, Branislava. Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). *Suplemento Antropológico*. Vol. 7. N. 1-2. Asunción, Universidad Católica, 1972. p. 85-105.
- TRIGGER, Bruce G. Etnohistoria: Problemas y Perspectivas. *Etnohistory*. Vol. 29. N. 1. Traducción de Catalina T. Michieli, 1982. p. 1-29.